

O humano e a linguagem: ressonâncias da Psicanálise na rede de Fernand Deligny com crianças e jovens ditos autistas

Gabriel Leite Azevedo¹

Mirka Mesquita²

Karla Patricia Holanda Martins³

¹ Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza (EPPF). Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Extensionista do Programa Clínica, Estética e Política do Cuidado (CEPC), vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC). Formando do Incere – Centro de Referência à Infância, pelo Programa em Práticas Institucionais (PPI).

² Psicóloga clínica. Doutora em psicopatologia. Professora do Departamento de ciências humanas e sociais da Faculdade de Medicina – Université de Bretagne Occidentale (UBO), França.

³ Doutora em Teoria Psicanalítica. Professora associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, graduação e pós-graduação. Bolsista de produtividade do CNPq. Membro do GT Psicanálise e Clínica Ampliada da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sandor Ferenczi.

A originalidade do trabalho de Fernand Deligny (1913-1996) com crianças e jovens, e suas reflexões acerca da vivência com os autistas, suscita cada vez mais o interesse de pesquisadores de diferentes partes do mundo e em diversos campos do saber, como a Educação, a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia, o Direito e as Artes. As possíveis ressonâncias do campo psicanalítico nos escritos desse autor acerca das noções de humano e de linguagem compõem nosso principal objeto de investigação; com isso, este artigo se inscreve numa tentativa de produzir uma discussão que não compete somente aos estudos em torno de Fernand Deligny, mas à própria Psicanálise.

A complexidade do nosso estudo se situa na flutuação permanente de aproximação e distanciamento de Deligny em relação ao campo psicanalítico ao longo de sua trajetória no acompanhamento de crianças *fora da ordem* (jurídica e simbólica). Deligny produziu críticas à Psicanálise ao apontar e atingir os limites da teorização e das práticas clínicas propostas por psicanalistas na reflexão sobre o funcionamento psíquico e o tratamento com autistas. No entanto, essas críticas não impedem que ecos dessa teoria compareçam em seus textos; assim como também não o impedem de dialogar e colaborar com notáveis psicanalistas implicados no movimento institucional e na criação de dispositivos psicanalíticos inovadores nos anos 1960-1980. Apesar de Deligny comumente não aparecer como parte da história da Psicanálise – por mais que seja evidente seu contato com algumas pessoas que integraram o movimento psicanalítico, como podemos perceber por sua correspondência (Deligny, 2018a) –, o reconhecimento por parcela de alguns psicanalistas do seu pensamento e suas práticas confirma a reciprocidade dessa relação paradoxal e uma proximidade ambígua entre algumas de suas noções e da Psicanálise.

Mas de qual Psicanálise estamos tratando? Sabemos que há uma ampla gama de possibilidades e de perspectivas no campo psicanalítico, mas aqui a tomaremos majoritariamente como Deligny a considerava: a partir de Jacques Lacan.⁴ Apesar de citar nominalmente Sigmund Freud e alguns outros poucos psicanalistas, e também de ter tido contato com alguns destes, o nome de Lacan “sintetiza, para Deligny, a psicanálise ou, mais

⁴ Marlon Miguel (2020) chamou atenção para o provável contato de Deligny com a perspectiva psicanalítica pós-kleiniana via Frances Tustin (há um exemplar de um de seus livros, *Autisme et psychose de l'enfant*, na biblioteca de Deligny), relacionando também algumas concepções de Donald Meltzer, Esther Bick e Donald Winnicott. Não conseguiremos, no âmbito deste artigo, nos deter a esses possíveis impactos, mas o apontamento de Miguel (2020) é importante para possíveis aprofundamentos.

ainda, a instituição psicanalítica que não cessa de visar em suas críticas”⁵ (Miguel, 2016, p. 444, tradução nossa). Não é nossa intenção relacionar diretamente a teoria lacaniana com as suas colocações, ou seja, fazer uma espécie de comparação entre concepções de ambas sobre conceitos semelhantes que trabalharam. Mais apontar do que propor, mais traçar do que interpretar.

Para lidarmos com nossa questão, fizemos levantamento de alguns textos de Fernand Deligny em que a Psicanálise (seja por meio de Freud, Lacan, Françoise Dolto ou qualquer outro psicanalista) aparece direta ou indiretamente nas suas discussões acerca dos modos de ser *fora da linguagem*,⁶ ou, nos seus termos mais frequentes, em torno dos *autistas*, do *humano*, do *homem*, do *simbólico*, do *real*, entre outros. Os textos selecionados datam do período de 1975 a 1982 – também consultamos algumas correspondências em que a nossa problemática está presente. Então, por meio de textos e cartas de Deligny (2007; 2015g; 2018a), compusemos nosso trabalho, mas também percorremos autores como Sandra Alvarez de Toledo (2001; 2007a; 2007b; 2007c; 2007d), Marlon Miguel (2016) e Noelle Resende (2016) como principais apoios à nossa discussão.

Em outros termos, inserimo-nos no método de pesquisa bibliográfica, sem a pretensão de elaborar uma revisão de literatura sistemática ou de fazer um mapeamento completo da presença da Psicanálise em Deligny, mas, sim, trazer a repercussão dessa presença. Diríamos, ainda, tomar o som (Psicanálise em Deligny) e fazê-lo repercutir, ressoar pelo texto, expor o que conseguimos escutar, e não reproduzir todas as ondas sonoras. Dessa forma, num primeiro momento dedicaremos a investigação aos primeiros contatos de Deligny com o campo psicanalítico e sua influência na gênese da rede em Cévennes (região montanhosa localizada ao Sul da França), lugar de acolhida destinado às crianças autistas. Em seguida, vamos nos deter nas noções que Deligny trabalha ao longo

⁵ “synthétise pour Deligny la psychanalyse ou plus encore l’institution psychanalytique qu’il ne cesse de viser dans ses critiques” (Miguel, 2016, p. 444).

⁶ Em francês, *hors langage*. É importante colocar que Deligny não distingue *fala* de *linguagem*, ele não deixa evidente essa diferença e toma os termos por semelhança. Utilizava a expressão *vacance du langage* (vacância da linguagem) e *hors parole* (fora da fala/palavra) para descrever a condição em que estão as crianças autistas. Com isso, porém, ressaltamos que não estamos endossando um posicionamento que concebe que as pessoas autistas não têm ou não são compostas pela linguagem. Enfatizamos o modo como Deligny lidava com essa questão, que não era de uma desvalorização ou menosprezo em relação às pessoas autistas, mas de um respeito e atenção em notar e agir para que pudessem estar em um lugar mais vivível.

de alguns de seus textos, depois de sua instalação na rede, sem perder de vista a inventividade das apropriações que faz de ideias psicanalíticas.

Do castelo de La Borde à rede em Cévennes: encontros de Deligny com a Psicanálise

Fernand Deligny era conhecido como educador e pedagogo, clínico às avessas, poeta-autista ou poeta do autismo, artista, cineasta e escritor (Alvarez de Toledo, 2001; Aragon, 2018; Pelbart, 2016; Resende, 2016), mas preferia se intitular “poeta e etólogo”. A primeira designação o aproximava da literatura e da escrita; a segunda, das suas próprias concepções acerca do *humano*.

O nome “Deligny” vai além do próprio sujeito particular, “é o nome de uma tentativa concreta conduzida por um certo número de indivíduos” (Resende & Miguel, 2015, p. 141). A palavra *tentativa* indica as empreitadas que Deligny deu início durante sua vida em diferentes espaços, desde a década de 1930, como o asilo de Armentières (1933-1935, depois de 1939-1945), no Norte da França; a Grande Cordée (Grande Cordada, 1948-1956), fundada em Paris; e a rede em Cévennes (1968-1996), localizada no sul. *Tentativa* é um termo que caracteriza a singularidade da sua prática, assim como um traço seu: espírito de não conformismo às regras preestabelecidas pela sociedade.

Para compreender o cerne do pensamento de Deligny, é preciso contextualizar suas práticas e noções na conjuntura sociocultural da época, inscrita no cruzamento de importantes reivindicações e transformações sociais, segundo Igor Krtolica (2010): a transformação do campo psiquiátrico e as críticas ao isolamento de doentes mentais, a emergência do conceito de criança inadaptada e a crise dos modelos pedagógicos, assim como a mutação da problemática institucional no combate político dos anos 1960. Influenciando essa reviravolta institucional, a Psicanálise aparecia na frente do cortejo, produzindo uma ruptura definitiva com o antigo modelo asilar, responsável por estigmatizações e exclusões sociais dos doentes mentais. É também por meio dela que figuras dos campos psiquiátrico e pedagógico se aproximam entre elas para discutir o tratamento e a acolhida de crianças em forte inadaptação ao sistema escolar.

É nesse contexto que Deligny e sua trupe, em meio a uma situação material e financeira preocupantes, instalam-se em La Borde em 1965 a convite de Jean Oury e Félix

Guattari. Lá, ele entra em contato direto com a Psicanálise, que ritmava os dias dessa instituição psiquiátrica movida, principalmente, pela Psicoterapia Institucional (que teve François Tosquelles como figura pioneira) e pelo ensino de Lacan. Ele fora encarregado por parte da redação do jornal da clínica e por mimeografar os seminários de Lacan durante o período de estada na Instituição.

De qualquer modo, Deligny não entrou totalmente nessa corrente de ideias, pois tinha uma série de críticas em relação aos tratamentos e ao próprio funcionamento da Instituição, que, apesar de propor e praticar um modelo alternativo às Instituições Psiquiátricas então vigentes, ainda representava um modelo institucional rejeitado por ele. Como aponta Alvarez de Toledo (2007a), passa a não suportar a Psicanálise, recusa a ideia de inconsciente, não compartilha o fascínio que os “Labordianos” têm pela linguagem da psicose e à ênfase que dão aos discursos e delírios.

Apesar de ter tomado contato com a obra de Lacan durante o período em que estava em La Borde, iniciou a leitura de seus textos a partir de 1975, mas não chegou a ser um grande conhecedor de sua obra, e conheceu menos ainda a de Freud. Miguel (2015, p. 444) afirma ser difícil reconhecer com segurança o que efetivamente Deligny leu de Lacan, mas sabe-se que ele leu de perto os *Seminários 1* (1953-1954, publicado em 1975) e *2* (1954-1955, publicado em 1978), além de outros textos, possivelmente *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1966) e *Televisão* (1974), no entanto, sua leitura é muita incompleta. Acerca do ano de 1980, ano de lançamento de mais um livro, Alvarez de Toledo (2015, p. 9) esclarece que este

[...] deveria ter atraído atenção para as afinidades entre a escrita e o pensamento de Deligny e o pensamento de Lacan. [...] Mas em 1980 [...], Deligny estava identificado demais à sua rejeição da linguagem, e a Psicanálise, diluída demais na vulgata psicológica – ou, ao contrário, enrijecida na caricatura da teoria lacaniana – para que fossem percebidas essas novas ressonâncias.

Seguindo com Miguel (2015), as críticas de Deligny restam, então, parciais, e é curioso que ele não cesse de retomar definições psicanalíticas (mais estritamente as noções de *simbólico* e *real*) para falar dos autistas.

Com sua maneira típica de *bricoleur*, Deligny utiliza os conceitos como materiais que podem lhe ser úteis, mas se ele pega emprestado frequentemente de Lacan

seus termos, é também porque visa que sua língua-teoria ressoe no campo discursivo clínico.

Lacan é, portanto, bem mais o nome de um fantasma. [...] Se a discussão Deligny-Lacan é muito restrita do ponto de vista do debate teórico, nos parece que o primeiro traz elementos bem interessantes e importantes ao debate clínico-psicanalítico.⁷ (Miguel, 2015, pp. 444-445, tradução nossa).

Em La Borde, Deligny fora também delegado a acompanhar “os pacientes mais ‘incuráveis’, mais agitados, esses cuja equipe de cuidados não sabe o que fazer”⁸ (Alvarez de Toledo, 2001, p. 247, tradução nossa), e encarregado de uma “pequena escola” para os pacientes, oficinas de teatro e confecção de brinquedos de madeira. Nesse sentido, Deligny se aproximava das ideias centrais da psicoterapia institucional que nutriam a luta contra a exclusão social de doentes mentais, inaugurando lugares de vida “sem muros”, de curas livres para esses pacientes. Em 1966, Jean-Marie J. (“batizado” depois como Janmari), diagnosticado como “encefalopata profundo”, é confiado a Deligny pela mãe, passando ele a pensar ainda mais em questões que perdurarão pelo resto de sua jornada: uma nova tentativa que livre Janmari e outras crianças e jovens *fora da ordem* de um destino trágico de encarceramento manicomial. Muitas coisas mudam a partir desse encontro com essas crianças definidas pela *vacância da linguagem* que colocam em cheque a imagem do Sujeito consciente de si mesmo.

Assim começa sua saída de La Borde rumo à instalação permanente em Cévennes, onde desenvolve, conjuntamente com outros, uma *rede*, de *cuidado*, diríamos, voltada principalmente a crianças autistas. A figura evocada, por Deligny, do “autista”, se pensada no âmbito da psicopatologia, engloba uma série de diferentes formas psicopatológicas, então devemos entendê-la como um ponto de atração entre elas. O diagnóstico e a discussão psicopatológica não estavam em primeiro plano, não se tratava de especificar ou especializar uma conduta diante, ou melhor, ao lado, das crianças. Apesar disso, como aponta Miguel (2020) ao levar em consideração teorizações de Georges Canguilhem,

⁷ Avec sa manière typique de bricoleur, Deligny utilise les concepts comme de matériaux qui peuvent lui être utiles, mais s’il emprunte aussi souvent à Lacan ses termes, c’est aussi parce qu’il vise à ce que sa langue-théorie résonne dans le champ discursif clinique.

Lacan est donc bien plutôt le nom d’un fantôme. [...] Si la discussion Deligny-Lacan est très restreinte du point de vue du débat théorique, il nous semble que le premier apporte des éléments bien intéressants et importants au débat clinico-psychanalytique (Miguel, 2015, pp. 444-445).

⁸ “[...] les patients les plus ‘incurables’, les plus agités, ceux dont l’équipe soignante ne sait que faire.” (Alvarez de Toledo, 2001, p. 247).

Deligny não ignorava a diferença (qualitativa) entre normal e patológico, porém o patológico apresentaria uma normatividade própria e por isso não seria algo a ser destituído do indivíduo a qualquer custo.

A rede em Cévennes funcionava em várias pequenas unidades em diferentes lugares, mas que compunham um território relativamente próximo, podendo as *presenças próximas* (adultos que acompanhavam as crianças e os jovens) serem agricultores, operários, trabalhadores sociais, filósofos; em suma, pessoas que não precisavam ser especializadas, pois não era o caso de um *tratamento*, mas, sim, de como viver com essas crianças e jovens e de como tornar o lugar habitável a eles e com eles. Esse é um ponto importante, pois Deligny procurava se distanciar de toda a ideia de “reabilitação”, “adaptação”, “cura”, como podemos já notar em pelo menos uma de suas empreitadas antes de Cévennes (Deligny, 2018b). No entanto, reconhecemos que a prática da rede tinha uma função terapêutica, podemos dizer clínica também, apesar de sua esquivia desse campo.

Durante o período em Cévennes, Deligny trocou correspondências com muita gente, incluindo alguns psicanalistas, como Jacques Nassif, José Manenti, Mario Cifali, Franck Chaumon, Jacqueline Lanouzière, Roger Dadoun, François Gantheret e Marie Bonnafé, além de Félix Guattari, Louis Althusser, Maud Mannoni e Françoise Dolto⁹ (Deligny, 2018a). Nessas cartas estão presentes assuntos quanto a crianças que passavam períodos na rede, à Psicanálise, a ideias sobre política, sobre escrita, mas aqui não temos como analisá-las. O importante é demonstrar a troca que havia entre nosso autor e psicanalistas, apesar de que até hoje, sabendo que Deligny e Lacan nunca chegaram a se encontrar, ignora-se se Lacan tomou conhecimento dos textos de Deligny, como pontua Alvarez de Toledo numa nota de rodapé em uma das cartas de Deligny¹⁰ (Deligny, 2018a, p. 318).

⁹ Podemos ler, por exemplo, alguns relatos da estada de Christian J. em Cévennes, mais conhecido como Dominique, do caso publicado por Françoise Dolto em 1971 (Deligny, 2018a).

¹⁰ Acerca de um possível conhecimento de Lacan dos textos de Deligny, podemos tomar um texto do psicanalista Erik Porge (2009), onde relata que Deligny, antes de Lacan, introduz a palavra *erre* no vocabulário “clínico” (nos textos de Deligny, geralmente associada ao termo *lignes d’erre* [linhas de errância]) e chega a supor ser possível alguma influência dessa introdução de Deligny na retomada dessa palavra por Lacan no título do Seminário 21 (1973-1974), “*Les non-dupes errent*” [Os não-tolos-erram], que evoca sonoramente o termo “*Les noms du père*” [Os nomes do pai]. “Foi ele [Deligny] quem, aliás, pouco antes de Lacan, introduziu essa palavra [*erre*] no vocabulário ‘clínico’ [...] – tomando como referência a sua etimologia, não é de todo

Perpassado isso tudo, é possível notar um impacto paradoxal entre ele e os psicanalistas, e de como num distanciamento das ideias desse campo conseguiu criar, ou melhor, *descrear*,¹¹ “que pode querer dizer esquivar as crenças, sobretudo as mais difundidas, ou criar algo distinto daquilo que tem lugar” (Deligny, 2015a, p. 165). É essa ressonância ruidosa da Psicanálise em Fernand Deligny que nos interessa, ao pensar que há uma aproximação distante da parte dele e uma distância inquietante quanto àquela.

Encontrando a Psicanálise em Deligny: um passeio pelo “O aracniano”

O ensaio “O aracniano”, escrito no período de 1981-1982 e publicado após a morte de Deligny, oferece-nos um relato e reflexão acerca da rede em Cévennes, com algumas anedotas autobiográficas e escrito em aforismos. Priorizaremos as questões que nos ajudam a apresentar sumariamente o tom, digamos, de sua prática e escrita, focando no lugar que a Psicanálise o ocupa.

Deligny (2015c), logo no início, coloca que “a rede é um modo de ser” e que “tem por projeto a presença próxima de crianças autistas” (Deligny, 2015c, p. 15). Esse projeto, segundo ele, talvez fosse um pretexto para o que realmente importava, a rede em si. Projeto que ele coloca ao lado da figura da aranha, “mas será possível dizer que a aranha tem o projeto de tecer sua teia? Não creio. Melhor dizer que a teia tem o projeto de ser tecida” (Deligny, 2015c, p. 16). Desde então, é do *aracniano* que ele trata, que serve para evocar a figura do *humano* e do *autista*, figuras que conservam uma certa distância em relação à palavra, à consciência, ao inconsciente e a toda intencionalidade. Assim, é a dimensão do *fora* que toma importância, a “rede cria uma espécie de fora que permite ao humano sobreviver” (Deligny, 2015c, p. 18), e essa é uma das dimensões constantes e necessárias à sua existência. É preciso ter clareza de que Deligny evita a saturação das exigências do *ser consciente de ser* e do *homem-que-somos*, perante os modos como a consciência é refratária, a-consciente. Voltando à rede, Deligny (2015c, p. 20) assevera:

impossível que essa tenha sido uma das razões da retomada dessa palavra em *Les non dupes errent*” (Porge, 2009, p. 20).

¹¹ *Mécréer*, tradução de Lara de Malimpensa. Para saber mais da tradução, ver Deligny (2015a, p. 165, nota 6).

Se uma rede era assim tramada, tratava-se de capturar o quê? Tratava-se de usar as ocasiões e, além disso, o acaso – isto é, as ocasiões que ainda não existiam, mas que em ocasiões se transformariam pelo uso que faríamos da “coisa” encontrada.

Uma pesca assim, que cria coisas onde não existia nada, requer uma rede cujo esquema dificilmente – isso seria de espantar – se faz ao acaso.

Aqui, vê-se a importância que dá à dimensão do acaso, provavelmente numa tentativa de esquivar ao que ele chama de *projeto pensado*, associado ao *querer* e ao *fazer*. O acaso, tornado ocasião posteriormente, está vinculado ao *vagar*, “infinitivo que não requer complemento” (Deligny, 2015c, p. 20), e a partir daí começa a aparecer no texto a estratégia de escrita de Deligny de usar infinitivos “para adaptar metaforicamente a linguagem à não-linguagem do autismo, e o sujeito falante ao modo de ser do autista¹²” (Alvarez de Toledo, 2007d, p. 680, tradução nossa). Com isso, desviemos rapidamente a um trecho de uma entrevista que nosso autor concedeu a Isaac Joseph em maio de 1975, na qual ele diz que “a Psicanálise desconhece os infinitivos; ela se ocupa da pessoa instituída. A Psicanálise se ocupa e se preocupa da pessoa conjugável para não dizer conjugal, ao passo que nós somos fabricados de verbos ao infinitivo¹³” (Deligny, 2007, p. 932, tradução nossa). Esses verbos o permitiam desviar do pronome reflexivo, que não serviria às crianças autistas, já que estas seriam refratárias à condição de Sujeito e estariam mais próximas dos verbos impessoais, sem sujeito. Então, passou a falar “com frequência do infinitivo [...] visto que não há sujeito para arrematar” (Deligny, 2015c, p. 109) e, assim, cria e se utiliza de uma série de verbos, como traçar, agir, camerar, entre outros.

Voltemos ao texto em questão. Os primeiros ecos psicanalíticos começam a soar, vinculados à ideia do *inato*.

O homem é feito de tal modo que a galáxia do intencional consciente ou inconsciente, no sentido freudiano da palavra, oculta aquelas outras galáxias que teriam direito ao termo de *inatas*, algo com o que o ser consciente de ser só conseguiria comover-se em detrimento da importância predominante que ele atribui a esse querer no qual deposita todas as suas esperanças. (Deligny, 2015c, p. 21).

¹² «Pour adapter métaphoriquement le langage au non-langage de l'autisme, et le sujet parlant au mode d'être de l'autiste [...]» (Alvarez de Toledo, 2007, p. 680).

¹³ “la psychanalyse méconnaît les infinitifs ; elle s'occupe de la personne instituée. La psychanalyse s'occupe et se préoccupe de la personne conjugable pour ne pas dire conjugale, alors que nous sommes fabriqués de verbes à l'infinitif” (Deligny, 2007, p. 932).

Já podemos esboçar que o homem, em Deligny (2015c), aparece como essa imagem que faz sucumbir, “oculta”, outros modos de ser, “outras galáxias”, que pertenceriam a outra ordem não capturada pelo “querer”, “que não passa de função de si” (Deligny, 2015c, p. 59), dotado de intencionalidade e consciência. Em contraposição a essa imagem, evoca o aracniano como “uma estrutura, embora essa palavra tenha sido recentemente monopolizada, assim como *inconsciente* o foi” (Deligny, 2015c, p. 22), quase sempre associado à rede. O *fazer* implica uma finalidade pensada, direcionada a algo, fazer *para* alguma coisa, e está associado ao *projeto pensado*, que seria uma aplicação desse fazer. Um projeto implica num objetivo, tem uma finalidade – apesar de Deligny usar essa palavra no começo do texto para caracterizar sua rede, logo demonstra que não é bem isso que quer dizer. É preciso tomar distância do fazer e do projeto para que a rede se trame e o aracniano (ou as crianças autistas) sobreviva como tal, sem ser semelhançado (assimilado) ao homem.

Se o projeto é claro, nítido e preciso, em outras palavras, se o fazer predomina, trata-se de um esforço premeditado, e é bem possível que o aracniano então desapareça – quebrado, esburacado, despedaçado.

A rede não é um fazer; é desprovida de todo *para*; todo excesso de *para* reduz a rede a farrapos no exato momento em que a sobrecarga do projeto é nela depositada. (Deligny, 2015c, p. 25).

Tendo colocado isso, podemos passar, com o autor, ao que ele começa a evocar acerca do humano.

[...] Era ao homem, portanto, que eu era refratário, o que me punha na necessidade de ser humano.

Como o acaso persistiu em manifestar para comigo uma espécie de mansidão, acabei nomeadamente responsável por uma rede em que crianças *ditas autistas* vinham viver, daí a necessidade de eu me perguntar o que humano quer dizer, sendo a resposta: nada. Humano é o nome de uma espécie, tendo a espécie desaparecido daquilo pelo quê o homem se toma. (Deligny, 2015c, pp. 27-28, grifos nossos).

Atentemo-nos à citação: de início, uma diferença entre homem e humano; das crianças autistas chega-se ao tema do que seria o humano, que seria nada, de algum modo, desviando de concepções essencialistas (apesar de evocar o *inato*, o *imutável*, o *humano*

de natureza, como veremos mais tarde), mas também daquelas ligadas ao pressuposto de que o humano seria marcado pela linguagem e pelo símbolo, numa diferenciação precisa com o animal; então, define que humano seria uma espécie, extinta pelo que o homem fez dela, pelo modo como este se toma, se concebe. Vemos alinhados humano, autista e espécie, de um lado, e o homem, do outro. Em vez de se manter, como muitos, inclusive psicanalistas, em um pensamento que concebe uma descontinuidade e ruptura bem-marcada entre animal e humano (a partir da linguagem e faculdades simbólicas), expande os termos para a dessemelhança entre humano e homem, parecendo apontar algo próximo a uma “continuidade descontínua”.

Seguindo o texto, Deligny (2015c) começa a avançar na questão do inato e coloca alguns pontos interessantes à nossa discussão.

Nas últimas linhas de *Architecture animale*, Karl von Frisch volta ao mistério: “O problema dos elos entre o homem e o animal é de infinita complexidade [...]. O autor, por sua vez, [...] está convencido de que sempre suscitará, nesse âmbito, uma parcela de inexplicável, de insondável, de mistério, diante da qual devemos nos inclinar com respeito e humildade”.

[...] Existe o nível superior do projeto pensado e existe aquilo que o inato é capaz. Os elos? Haveria ao menos um: estar disposto a perceber que o inato humano existe e persiste, depois de ultrapassado o momento do mamar; persiste ou persistiria, se... (Deligny, 2015c, p. 43).

Então, diante da problemática acerca das espécies, ele insiste na consideração pela parte inata do humano, que persiste em alguns e que persistiria em outros “se...”. Fiquemos com o “mistério” do elo entre o homem e o animal, assim como entre o humano e o homem, “com respeito e humildade”. O respeito a que se refere Deligny (2015c) remete a algo que ele coloca mais ao fim do ensaio, ao escrever sobre a importância de que “respeitar o ser autista não é respeitar o ser que ele seria na condição de outro” (Deligny, 2015c, p. 109), ou seja, na condição de homem. Eis o que ele nomeia como *semelhançatização*, essa atitude de supor o humano à imagem do homem-que-somos, este que é resultado de uma longa domesticação simbólica.

A continuação da citação anterior nos chama ainda mais atenção:

A humildade a que Von Frisch se refere [...] encontraria de saída um emprego mais útil do que impelir-nos à reverência: não situar o projeto pensado num nível superior, a pretexto de que ele é a estrutura, o esqueleto de “nosso” modo de

pensar, estrutura essa cujos efeitos nos fascinam, e nos fascinam mais ainda porque, quanto a nós, o inato que nos impeliria se... é reduzido ao estado de sobrevivência e, portanto, mesclado a características de nosso comportamento tais como a agressividade ou a sexualidade, que, curiosamente, não aparecem quando se trata de sociabilidade, afabilidade ou capacidades artísticas. A bem dizer, o instinto nos constrange, assim como pessoas de certa casta podiam ficar constrangidas com seus antepassados de baixa extração; como sempre, a questão do “nível”. Foi preciso que o homem-que-somos chegasse a extrair-se de sua ganga animal. Mas que estranha visão das coisas e dos seres, sejam eles de espécie animal, sejam eles de espécie humana; e por que o ocorrido depois seria superior ao ocorrido antes? [...] E quanto aos homens que somos, se não houvessem os inferiores, como poderia haver os superiores? (Deligny, 2015c, p. 43).

Aqui, Deligny (2015c) questiona a imagem do homem (“projeto pensado”) como estrutura única, modelo de humanidade, que emana superioridade em relação a outras espécies (outros modos de ser), deixando o inato, o instinto, marcado por uma inferioridade expressa por agressividade ou sexualidade (numa bem possível referência a Freud) e questiona o porquê do instinto se expressar por tais características e não por outras. Por exemplo, por que a agressividade seria inata e não o brincar? Pensando nos (e vivendo com) autistas, Deligny se coloca questões do que seria a espécie humana. Enfim, ele se questiona sobre por que o instinto aparece como algo que tem de ser afastado, que “constrange” um certo modelo de civilidade, feito efetuado pelo ser consciente de ser, afastando de si sua parte impura, não desejável.

Um trecho da carta de Freud a Albert Einstein (conhecida sob o título “Por que a Guerra”, de 1933) é citado por Deligny (2015c),¹⁴ que logo faz um comentário provocativo:

“O humano não pode se furtar à desigualdade, que é parte integrante do inato e o divide em líderes e liderados...”

Eis o entorno designado como promotor da desigualdade: “Os liderados são a grande maioria, precisam de uma autoridade que tome as decisões por eles, decisões estas que, de modo geral, eles aceitam incondicionalmente”.

[...]

O inato? Freud sabe muito bem de que se trata; aliás, sempre houve dominantes e dominados; portanto, certamente existe aí algo de inato. (p. 61).

[...]

¹⁴ Utilizamos a tradução feita por Lara de Malimpensa em Deligny (2015d). Em nota, ela coloca que o trecho citado é epígrafe em um capítulo do livro *Éthologie: biologie du comportement* (1967), de Irenäus Eibl-Eibesfeldt, mencionado por Deligny. Ou seja, provavelmente Deligny não leu a carta inteira, o que não diminui sua argumentação, mas demonstra o modo como se apropria de algumas leituras.

Se nos fiarmos, porém, em Freud ou Kant – e quantos outros –, a violência é natural, e o querer está todo infiltrado do inato que impele alguns a dominar e leva a maioria dos outros a ser dominada incondicionalmente; só resta a cada um detectar se nasceu na pele de um dominado ou na pele de um dominador; (p. 64).

Deligny (2015c) usa essa argumentação para tratar acerca do *não querer* e da *não violência*, colocando-se a distância de Freud, Kant e outros, segundo o modo como os toma. Ele escreve que “o inato não está no querer, mas noutra lugar” (Deligny, 2015c, p. 65), o que podemos pensar no deslocamento de posições em que o querer do homem é que se constituiria como uma violência, e não o inato, como ele concebe na citação anterior. Deligny (2015c) tomou Freud para se contrapor à ideia de que “a violência é natural”, deslocando-a do inato e jogando-a ao homem, no qual o inato já não reina, mas o simbólico. Deligny (2015c) alonga a reflexão sobre o não querer, contestando a interpretação (psicanalítica?) como uma violação quando posta como modo de querer pelo outro, quando preenche o resto, o refratário à compreensão, numa saturação de sentido, ainda mais àqueles para quem nossa linguagem é mais um elemento e não “o” elemento, entre tantos.

Foi-nos necessário abordar certa prática do não querer, nem que fosse por respeito ao que aparecia como uma evidência: que todo querer era um forçar, no sentido de que querer no lugar do outro, pelo modo da interpretação, é uma violação, assim como é uma violação pensar no lugar de – colocando-se no lugar, tomando o lugar, ocupando – uma aranha ou uma tartaruga ou tudo o que se quiser para quem nossa linguagem não é mais que um ruído entre os ruídos. (Deligny, 2015c, p. 82).

[...]

E assim é com o ser autista, algumas vezes tachado de surdo mental, quando ele simplesmente não seleciona os mesmos ruídos que nós. (Deligny, 2015c, p. 103).

O inato apresentado por Deligny (2015c) – que não é sinônimo de “estático” e está relacionado à *espécie*, que é caracterizada por um *comum* entre tudo o que vive – nos coloca a questão de porque é preciso que, em todo direito (menciona a carta dos direitos humanos, que estaria mais para “direitos do homem”), surja a necessidade de separar o homem da espécie. Isso emboca na caracterização do inato, “o conjunto de comportamentos específicos” (Deligny, 2015c, p. 93), como “em intenso movimento, conforme as circunstâncias” (Deligny, 2015c, p. 82), e assim também se relaciona o *agir*,

que, diferentemente do *fazer*, é para nada, “*agir é sem finalidade*” (Deligny, 2015c, p. 47), modo de ser da rede e dos autistas. Deligny trata do imutável como uma das características do aracniano, no entanto, esse imutável “é dotado de uma maleabilidade, de uma destreza, de uma virtuosidade” (Deligny, 2015c, p. 94). São concepções estranhamente curiosas que ele desenvolve em torno do inato, do imutável, da espécie, que se entrelaçam e que não nos estenderemos aqui.

Chegando ao fim do ensaio, Deligny (2015c) coloca mais diretamente que de acordo com um pensamento mais vigente “a ordem simbólica é própria do humano, ao passo que, para mim [Deligny], é suficiente dizer que a ordem simbólica estrutura o homem-que-somos”, restando, aí, “o humano dotado de maneira inata para o modo de ser em rede” (Deligny, 2015c, p. 104), que não é da ordem simbólica, “e o humano aparece então como aquilo que resta – um tanto em farrapos – do aracniano atravessado por essa espécie de meteorito cego que é a consciência” (Deligny, 2015c, p. 94).

Assim, o termo *indivíduo* fica ligado ao humano, aracniano, autista, já *sujeito* se mantém em ligação com o homem, a ordem simbólica, e, como veremos depois, ao *dentro*. É interessante notar como Deligny, quando se refere a Freud, vai a pontos diferentes àqueles quando se refere a Lacan (e aos lacanianos). Naquele, como vimos, surge a questão do inato, do instinto, do inconsciente; já neste a questão gira em torno dos autistas em relação à linguagem, ao real, simbólico, ao fora e ao dentro. Mas, como pano de fundo, nos textos que lidamos aqui podemos ouvir as “zoadas” da Psicanálise.

“E se o real [...] E se a linguagem...”

Os sons dos ruídos ressoam também em outros textos, acerca de questões parecidas, mas não iguais e com outro tom. Agora nos deteremos em momentos em que Fernand Deligny discute mais diretamente com Lacan e os lacanianos, ou melhor, com a Psicanálise como ele a tomava, utilizando algumas palavras do vocabulário psicanalítico francês à tona na época.

Numa carta a Louis Althusser em 7 de agosto de 1976, há uma passagem que nos faz atentar à sua posição quanto à questão da diferença entre humano e homem. Ele se coloca no campo de investigação do humano, de um lado, e, de outro, a Psicanálise como

investigação do homem, apesar de que o que ela caracteriza como humano ele chama de homem. “Freud parte à descoberta do humano e é o homem que ele descobre. O que já não é mau. Certamente, mas então é preciso falar do homem, não do humano. Não se deve batizar “humano” isso que é (apenas) da ordem da hominização”¹⁵ (Deligny, 2018a, p. 559, tradução nossa).

O que é da ordem do homem está no campo das palavras em S (Sujeito, Simbólico, Signo, Sexualidade), “que são ‘do âmbito’ do sujeito falante-falado” (Deligny, 2015b, p. 129), e dos pronomes ELE (IL) e SE (ON).¹⁶ Já as palavras em N (NÓS – NOUS) estão no campo do humano, da rede, da linguagem vacante. Esse Nós não é o mesmo que o conjunto de presenças próximas (“nós”), que juntas formariam um conjunto; na verdade, evoca um único indivíduo indivisível, um único *corpo comum*.¹⁷ Indivisível porque os modos de ser fora da linguagem não se constituem como um sujeito repartido, com consciência e diferenciação nítida entre os objetos (por isso Deligny evoca as “coisas” em vez de “objetos”). O grande Nós no lugar do grande Outro (Krtolica & Sibertin-Blanc, 2019).

No texto “Esse ver e o olhar-se ou O elefante no seminário” (1976), discute diretamente com Lacan, cita trechos do *Seminário 1* (1953-1954), toma o termo *real* como simples oposição ao *simbólico* e faz suas pontuações quanto aos autistas e à linguagem. Nesse momento, os mapas¹⁸ realizados na Rede são muito sistemáticos, o que se torna um dos motivos ao fim dessa prática, e o mapa apresentado por Deligny nesse texto está mais

¹⁵ “Freud part à la découverte de l’humain, et c’est l’homme qu’il découvre. C’est déjà pas mal. Certes; mais alors il faut parler de l’homme, pas de l’humain. Il ne faut pas baptiser “humain” ce qui (n’) est (que) du ressort de l’hominisation” (Deligny, 2018a, p. 559).

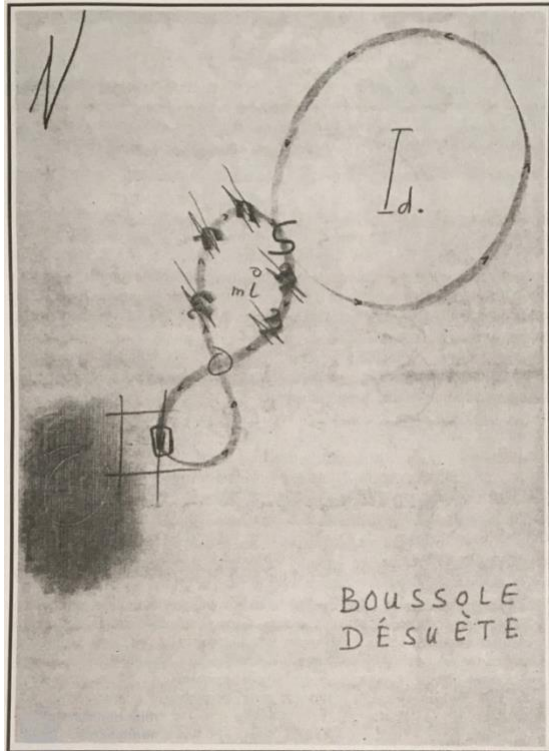
¹⁶ Na nota de rodapé 4 do texto “O homem sem convicções” (1980) de Deligny (2017, p. 3), Marlon Miguel pontua que ele “faz do pronome indefinido ‘on’ uma entidade, uma força impessoal e inelutável à qual os sujeitos são submetidos – como o são à Instituição ou à Ideologia, por exemplo”, podendo ser traduzido também por “GENTE”. René Lourau (2004), em um texto de 1990, faz uma colocação interessante em que relaciona o on de Deligny com a noção de “intropressão” do psicanalista Sándor Ferenczi, ao destacar sua noção de “sobreimplicação”: “[...] a ‘intropressão’ do adulto sobre a criança se harmonizaria, para mim, com a idéia de uma enorme carga de on pesando sobre as crianças autistas, bem como sobre todos nós, animais infantis desnaturalizados [...]” (Lourau, 2004, p. 196). A noção de “intropressão” sugerida por Ferenczi (1932/2011, p. 323) está relacionada às de “identificação com o agressor” e “introjeção do agressor” (Ferenczi, 1933/2011, p. 117).

¹⁷ “[...] a criança autista é esse nós-aí que eu chamo de especular, mas, para ser claro, é N(ós) inscrito na pauta. Sendo N ‘coisa’ muito diferente de nós. Um pouco da mesma maneira como o Outro é coisa muito diferente do outro” (Deligny, 2015b, p. 134).

¹⁸ Diante da condição de indivíduos em vacância da linguagem, Deligny concebe a prática da cartografia, prática de transcrever os percursos das crianças e dos adultos, formando mapas. Dura dez anos (1969-1979), sistematizando-se ao longo dos anos, criando um vocabulário próprio, trocando a linguagem pelos gestos e pelo traçar.

próximo dos grafos de Lacan do que de uma transcrição dos percursos pelo território (Alvarez de Toledo, 2001).

Figura 4. Bússola obsoleta



Fonte: Deligny (2015d, p. 128).

A primeira parte do título já indica diferenças entre o *ponto de vista* do sujeito e o *ponto de ver* (o terceiro olho) dos autistas, há uma homofonia, na língua francesa, entre “Esse ver” [Ce voir] e “Olhar-se” [Se voir], aquele caracterizado pela ausência do S(e), mais próximo ao C(omum), mais próximo ao “zoiar” (Deligny, 2015a, p. 161), esse modo de ver sem olhar. O restante do título faz referência à capa do mencionado Seminário de Lacan, em que há um elefante, e Deligny (2015b) evoca uma passagem na qual Lacan diz:

Reflitam um instantinho sobre o real. [...] Só com a palavra *elefante* e a maneira pela qual os homens a usam, acontecem, aos elefantes, coisas [...] de qualquer maneira, catastróficas [...]. Aliás, é claro, basta que eu fale deles, não há necessidade de que estejam aqui, para que estejam aqui, graças à palavra *elefante*, e mais reais do que os indivíduos – elefantes contingentes. (Lacan, 2014, citado por Deligny, 2015b, p. 130).

E aqui nosso autor reflete sobre o caráter predominante da palavra, que é capaz de simbolizar a ausência (coisa que os autistas não conseguiriam), envolvida pelo simbólico, e que deixa de lado o real (o “fora”, a “natureza”, nos termos de Deligny). Deligny acompanha Lacan quanto ao caráter mortificador intrínseco à linguagem, no qual o símbolo se manifesta como resultado da morte da coisa, do real (Miguel, 2016), concebido como representação, ou seja, palavra/símbolo como presença de uma ausência. Nesse sentido, vê os autistas nesse fora e alerta para o perigo de nosso olhar sempre pressupor o sujeito, então seria preciso “mudar o *alcance* do nosso olhar, visto que lidamos com crianças que vivem a vacância (na vacância) do S, que consiste naquilo por meio de que o que se hominiza se distingue do real” (Deligny, 2015b, p. 133). A hominização (semelhante à socialização, entendida como passagem da natureza à cultura, digamos) negou fogo à criança autista.

Eis que, diante da celebração da linguagem e do abandono celebrante do real, ele indaga:

E se o real – aquilo por meio de que nós o somos, elefantes, mas sem termos a menor noção disso – não fosse esse caos pavoroso que acena como uma ameaça, um terror diante do qual os chocalhos da linguagem evocam a única salvação – eterna; e se a linguagem estivesse pouco ligando para “nós”, e não apenas ligando pouco, mas, pior que isso, pretendesse mesmo manter do outro lado do limiar tudo o que pertence à natureza? (Deligny, 2015b, p. 133, grifos nossos).

Assim, em meio às rejeições de uma natureza humana, Deligny evoca, de modo específico, o *humano de natureza*, que se assemelha ao que é *humano, imutável*, apesar de ter um “horror ao marasmo, estando bem entendido que aí existe de fato uma contradição latente entre o que se poderia qualificar de certa avidez do reiterado idêntico e um insaciável apetite do ‘novo’ [...] [que] só pode vir das circunstâncias” (Deligny, 2015b, p. 135), ou seja, de um meio que acolha os *agires*. Esse imutável não existe só na natureza, no inato, mas também na imagem do homem, que é hipoteticamente a mesma para todos. Assim, teríamos duas imagens do imutável e podemos nos perguntar se o que Deligny está questionando não seriam essas imagens, tanto do homem quanto do humano, que, existindo, conduziriam sempre ao mesmo lugar, seja pensando o inato como algo que não pode mudar, seja pensando o homem como imagem de um único modo de ser supostamente universal. Essa seria a violência da semelhança.

É aí que o *topos* – lugar do resto (o que é refratário à compreensão), lugar do humano encarnado pelas áreas de estar – vem para desafogar essas crianças da pressuposição do SE. Ao contrário do inconsciente, que, segundo Deligny ouviu dizer, não tem lugar, o *topos* tem um lugar, não psíquico, mas concreto. Nosso autor cria um exemplo de um patinho que, provido de maneira inata de um nadar latente, precisa da água (do entorno, do meio) para nadar. Se não houver água – *topos* – o agir não tem lugar. Assim como para o pato essa água não é um objeto (completamente exterior a ele), é algo de *real*, o é também às crianças, em que esse agires afloram a cada dia, “sem sujeito, nem projeto, e sem objeto”¹⁹ (Deligny, 2015a, p. 164). É como se o *topos* fosse o *dentro do fora*, mas “um *dentro* aí que não está incluído no universo em que o símbolo opera” (Deligny, 2015f p. 247), e sim que permite o humano sobreviver, um dentro que mantém o fora (o real, o autista) acolhido.

Com isso, podemos perceber a importância que o autor dá às circunstâncias, ao meio circundante e ao que ele é capaz de germinar no humano. Assim, Deligny (2015b; 2015f) destaca dois infinitivos primordiais, o *agir* e o *referenciar*,²⁰ e marca a palavra *referência* (*repère*) como uma das palavras-mestre da rede. Essa discussão traz à tona o que ele chama de *aparelho a referenciar* (*appareil à repérer*), comum às crianças autistas, à estrutura do NÓS, para contrapor ao *aparelho a nomear*²¹ (*appareil à langage*), localizado na predominância do S (Se, Subjetivo, Sujeito). Esse *referenciar* diz respeito à forma de funcionamento calcada na localização de pontos de referência no espaço, é um ver-rever-

¹⁹ A psicanalista Christine Anzieu-Premmereur (2011) toma a metáfora do patinho, e a noção de *topos*, para pensar o início do psiquismo em um bebê em desamparo, destacando a importância do ambiente (menciona a ênfase que os ingleses dão a este). “O materno – tanto o do pai quanto o da mãe ou o dos cuidadores, dos *caregivers* – é essa água sem a qual as capacidades dos bebês não existem. As consequências dramáticas da falta dessa água/do materno no aparelho psíquico dão a dimensão da importância quantitativa e qualitativa do ambiente humano para a constituição do sujeito” (Anzieu-Premmereur, 2011, p. 4).

²⁰ Em francês, *repérer*. A tradução de Lara de Malimpensa (Deligny, 2015d) é *reparar*, a de Miguel (2015) é *identificar/localizar*, e a de Resende (2016) é *referenciar*. Já na versão em inglês do livro *O aracniano e outros textos*, traduzido por Drew Burk, o termo é *to locate/locating*; em espanhol encontramos *advertir* (versão argentina, tradução de Sebastián Puente); e *localizar* (castelhano, por Lluís Maria Todó). Optamos por seguir com a tradução de Resende (2016) por deixar mais à tona a centralidade do lugar na Rede em Cévennes. Para mais sobre o termo, ver Resende (2016, pp. 38-39, n. 40) e Deligny (2015d, p. 10, n. 3).

²¹ Essa diferenciação entre os dois aparelhos surge com apoio na discussão feita pelo psicanalista Jacques Nassif em seu livro *Freud: L'inconscient*, de 1977, acerca do “aparelho de linguagem” [*Sprachapparat*] apresentado por Freud em seu texto “Sobre a concepção das afasias”, de 1891. Nassif prefere a tradução do termo alemão ao francês como *appareil à langage* (“aparelho para a linguagem”, ou “aparelho a nomear”, como traduz Resende – 2016) em vez de *appareil du langage* (aparelho de linguagem), para destacar, segundo Garcia-Roza (2008), “que a linguagem é um efeito do funcionamento deste aparelho, e não o aparelho um instrumento da linguagem.”

prever que está em jogo. O exemplo que Deligny (2015f) dá ilustra bem como a desorganização dessa ordem pode afligir as crianças autistas. Então, no vai e vem das estadas destas na Rede, muitas delas passam longos trajetos de carro, de casa até Cévennes. Numa primeira ida, constituía um trajeto e, muitas vezes, quando voltavam para suas casas e depois retornavam à rede uma aflição as tomava. Os pais imaginavam que a causa da aflição estava

[...] na intenção da criança, em seu não querer sair de casa, não querer afastar-se dos pais, ou em seu susto antecipado diante desse alhures aonde faziam voltar.

Mas o que se verificou, e praticamente a cada vez – e a cada vez a criança não era a mesma –, foi que o carro não havia feito um trajeto exatamente idêntico ao da primeira viagem. A partir do primeiro trajeto abandonado, por causa de congestionamento na estrada ou por algum outro desvio, ou para iniciar outro percurso, a aflição explodiu. (Deligny, 2015f, p. 231).

De qualquer modo, Deligny (2015f) alerta que isso não significa que é preciso fazer sempre o mesmo trajeto, apesar de não saber o que é preciso fazer, mas sustenta que romper com uma compreensão abusiva é o início de um posicionamento mais valioso para lidar com essas situações. O incômodo por essa compreensão abusiva (em seu sentido de *semelhançatização*) é sempre reiterado por Deligny²² e “é um dos motivos de seu rechaço pela Psicanálise em sua forma vulgarizada²³ (Alvarez de Toledo, 2009, p. 9, grifos e tradução nossos). Assim, também figura sua posição de manter certa distância quanto às crianças para não sufocar e fazer sobrepor um modo de ser em relação a outro.²⁴ Há sempre o real a não ser compreendido, o que resta refratário a todo preenchimento, ou pelo menos é o que conclama nosso autor, com sua suspeita diante do efeito das nomeações (das estrelas, por exemplo, que provocam fixação delas para o homem SE situar), invocando o efeito de remoção do real efetuado pela linguagem.

²² A pedido do psicanalista François Gantheret, Deligny escreve um texto à *Nouvelle revue de psychanalyse*, nº 19, intitulado “A criança preenchida” (1979), no qual faz uma crítica à “compreensão”, na esteira de sua crítica à linguagem. A revista em questão tinha como redator chefe Jean-Bertrand Pontalis, e, nesse número, também estavam presentes textos deste, de Philippe Ariès, André Green, René Diatkine, Daniel Widlöcher, Paula Heimann, Martha Harris, Masud Khan, dentre outros.

²³ “[...] es uno de los motivos de su rechazo del psicoanálisis em su forma vulgarizada” (Alvarez de Toledo, 2009, p. 9).

²⁴ Miguel (2020), acompanhado por reflexões de André Green, propõe localizarmos esse posicionamento de Deligny como um princípio clínico de *passivação*, que implica numa aceitação do não-saber (suspensão dos saberes e das convicções estabelecidas) para poder agir junto às crianças, e não sobre elas.

Apesar de todas essas diferenciações, seria um equívoco deixarmos a impressão de que o humano e o homem estão em ordens completamente diferentes, seria utópico pensar que esses modos de ser que escapam “à tirania do simbólico” não estão em nós, “lá onde habita o inato, sob a marca do indivíduo”, no homem-que-somos esse inato “se atrofiou tanto que pode ser dado por desaparecido” (Deligny, 2015c, p. 108). O autista “não é o autismo em pessoa [...], algum de nós pode ficar inconsciente, nem que seja por ter levado um soco na cara, o que não quer dizer que ele seja o inconsciente em pessoa”, é ao “aspecto autista do ser humano” que ele se refere (Deligny, 2015e, p. 202). Deligny vai e volta sobre os termos que utiliza, apesar de não definir totalmente as coisas que escreve, o que nos deixa uma abertura para pensar e para exercitar reflexões sobre o que foi colocado.

Com todos esses elementos em campo, temos à disposição algumas noções que compunham a prática da rede em Cévennes, situados no território em que Deligny viveu e no espaço em que o foi possível continuar suas investigações. Podemos pensar que, como nosso escritor proclamava a rede como *topos* às crianças e jovens que lá estavam, elas também foram *topos* à sua escrita. Neste trabalho, ao pensar a Psicanálise em Deligny, inserimo-nos nessa tentativa de fazer emergir fecundas concepções a partir do encontro entre essas duas figuras aqui tratadas, com seus ruídos, palavras e reverberações entre si.

Considerações finais

A intenção deste trabalho foi refletir e colocar alguns pontos que podem – e puderam – ser tecidos no encontro entre Fernand Deligny e a Psicanálise, assim como apresentar o “espírito deligniano” a partir de suas palavras. Dessa forma, esperamos ter contribuído às investigações em torno desse debate.

Trazer as suas palavras nos foi de enorme importância, pois não se trata apenas de “ideias” ou “conceitos”, ele não se propôs a construir um sistema teórico em uma determinada área do conhecimento. O lugar de suas reflexões era a própria escrita, por isso nossa insistência em citá-lo, para suscitar a necessidade de Deligny no cuidado com a linguagem ao lidar com os modos de ser *fora da linguagem*.

Consideramos que os próximos passos deste trabalho possam ser uma discussão mais detalhada a partir dos textos de Lacan e Freud, com o propósito de estabelecer um diálogo com suas palavras e as de Deligny. Além destes, pensamos numa outra possibilidade, a de trazer à cena mais diretamente outros psicanalistas que trabalharam e deram importância teórico-clínica à questão do *meio circundante*, do *ambiente*, como Sándor Ferenczi, Donald W. Winnicott e Harold Searles, para mencionar alguns. Porém, fora esses possíveis desdobramentos, pensamos que talvez possa ser mais frutífero identificar e investigar os contatos mais concretos que Deligny estabeleceu com psicanalistas e com a prática de cuidado em outras instituições.

De qualquer modo, psicanalistas, principalmente desde a publicação de *Œuvres (L'Arachnéen, 2007)*, vêm lendo a obra de Fernand Deligny, participando de debates, escrevendo e publicando²⁵ textos que abordam o trabalho desse autor. Acreditamos ser de suma importância acompanharmos esse movimento de recepção e apropriação, não só por parte de psicanalistas, mas também de estudiosos que proponham uma discussão que envolva esses laços, para trabalharmos o que das reflexões de Deligny pode germinar na práxis analítica.

Além disso, acreditamos que é de suma importância inserir a tentativa de Deligny da rede em Cévennes no contexto das modificações de modelos e práticas institucionais (no campo da saúde mental) e das empreitadas de desinstitucionalização ao redor do mundo durante a segunda metade do século XX, principalmente relacionadas ao contexto francês da Psicoterapia Institucional e de instituições inspiradas pelo referencial psicanalítico.

²⁵ Entre as modalidades de textos escritos por psicanalistas, podemos destacar quatro: menções pontuais ou brevíssimas a Deligny (Maud Mannoni, 1977; Denis Vasse, 1977; Félix Guattari, 1981; Jacques Hochmann, 2009; Erik Porge, 2009; Joseph Rouzel (Org.), 2010, 2013, 2018; Christine Anzieu-Premmereur, 2011; Jean Allouch, 2017a; Jean-Claude Maleval, 2015; Brenda Rodrigues da Costa Neves, 2018; Angela Vorcaro, 2020; Patrick Landman & Denys Ribas (Orgs.), 2021; Geneviève Haag, 2021); resenhas de seus livros (Jacqueline Lanouzière, 1975; Michel Plon, 2007, 2008, 2013, 2018; Annie Tardits, 2008; Philippe Porret, 2009; Nathalie Moshnyager, 2014); escritos que dedicam um tópico ou um capítulo às questões de Deligny (Claire Synodinou, 1985; Éliane Baumfelder-Bloch, 2012; Henri Rey-Flaud, 2013; Pamela Alejandra Fernández Posadas, 2015; Ariadne Meira, 2020); e textos dedicados inteiramente à discussão de suas ideias (Marie Bonnafé, 1978; Josée Manenti, 1997; Bertrand Ogilvie, 2004, 2007, 2015; Erik Porge, 2010; Florence Briolais, 2010; Sophie Mendelsohn, 2010; Jean-Baptiste Beaufils, 2012; Allouch, 2017b; Alexandra de Séguin, 2018, 2019; Franciele Cristina Giacomini, 2018; Luis Aragon, 2018; Hélia Borges, 2019; Pierre-Henri Castel, 2022; Peter Gunn, n.d.; Ariadne Meira & Angela Vorcaro, no prelo).

Por fim, a imagem – tema caro a Deligny – que propusemos não se pretende total, mas fiquemos com ela para lidar com as ressonâncias do que pudemos alcançar desse ver.

Referências

- Allouch, J. (2017a). *La Scène lacanienne et son cercle magique*. Paris: Epel.
- Allouch, J. (2017b,, novembro). Liberter. *La tentative Deligny / Session « La folie Deligny » / Interventions de G. Sibertin-Blanc, O. April, A. de Seguin*. Paris, França. Recuperado em 22 setembro, 2021, de <http://www.jeanallouch.com/pdf/327>.
- Alvarez de Toledo, S. (2009). *Introducción al catálogo Permitir, Trazar e Ver (MACBA)*. Recuperado em 14 maio, 2019, de <http://www.macba.cat/uploads/20091118/intro.pdf>.
- Alvarez de Toledo, S. (2007a). Introduction à Cahiers de la Fgéri. In F. Deligny. *Œuvres* (pp. 636-645), Paris: Éditions L'Arachnéen.
- Alvarez de Toledo, S. (2007b). Introduction à Cahiers de L'Immuable. In F. Deligny. *Œuvres* (pp. 798-804), Paris: Éditions L'Arachnéen.
- Alvarez de Toledo, S. (2007c). L'inactualité de Fernand Deligny. In F. Deligny. *Œuvres* (pp. 21-42), Paris: Éditions L'Arachnéen.
- Alvarez de Toledo, S. (2007d). Introduction à Nous et L'Innocent. In F. Deligny. *Œuvres* (pp. 672-684), Paris: Éditions L'Arachnéen.
- Alvarez de Toledo, S. (2001). Pédagogie poétique de Fernand Deligny. *Communications*, (71), 245-275. Recuperado de https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_2001_num_71_1_2087.
- Anzieu-Premmereur, C. (2011). Fundamentos maternos da vida psíquica e gênese da capacidade materna. *Em torno do materno. Relatório para o CPLF [s.n.]*, Paris.
- Aragon, L. E. P. (2018). Deligny Clínico. *Cadernos Deligny*, 1(1), 175-182.
- Baumfelder-Bloch, E. (2012). Quelques variations sur la psychanalyse: l'Histoire et l'écriture. *Les Lettres de la SPF*, 1(27), 11-32. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-les-lettres-de-la-spf-2012-1-page-11.htm>.
- Beaufils, J-B. (2012). *Les testicules du titan*. Recuperado em 8 novembro, 2019, de <http://jeanbaptistebeaufils.blogspot.com/2012/10/les-testicules-du-titan.html?q=les+testicules>.
- Bonnafé, M. (1978). Pour Deligny. *La Nouvelle Critique*, nº 110. In F. Deligny, F. (2018a). *Correspondance des Cévennes* (pp 768-777). Paris: L'Arachnéen.

- Borges, H. (2019). Alguns apontamentos clínicos (e críticos) ao “existir num mundo que não quer nada”. In *A clínica contemporânea e o abismo do sentido* (pp. 149-162). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Briolais, F. (2010). *Fernand Deligny sur l’erre des autistes*. Recuperado em 8 novembro, 2019, de https://www.apjl.org/wpcontent/uploads/2014/10/1_Fernand_Deligny_sur_l_erre_des_autistes_F._Briolais.pdf.
- Castel, P-H. (2022). Antisocial, vraiment?: Relire Fernand Deligny. *Critique*, 5(900), 435-447.
- Deligny, F. (2018a). *Correspondance des Cévennes*. Paris: L’Arachnéen.
- Deligny, F. (2015a). A criança preenchida. In F. Deligny. *O aracniano e outros textos* (pp. 159-165, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Deligny, F. (2015b). Esse ver e o olhar-se ou O elefante no seminário. In F. Deligny. *O aracniano e outros textos* (pp. 129-136, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Deligny, F. (2015c). O aracniano. In F. Deligny. *O aracniano e outros textos* (pp. 15-111, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Deligny, F. (2015d). *O aracniano e outros textos* (L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Deligny, F. (2017). O homem sem convicções (M. Miguel, Trad.). *Ao Largo*, 5, 1-17.
- Deligny, F. (2015e). O obrigatório e o fortuito. In F. Deligny. *O aracniano e outros textos* (pp. 197-204, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Deligny, F. (2018b). *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*. São Paulo: n-1 edições. (Obra original publicada em 1947).
- Deligny, F. (2015f). Quando o homenzinho não está (aí). In F. Deligny. *O aracniano e outros textos* (pp. 217-248, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Ferenczi, S. (1933/2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras completas, Psicanálise IV* (2a ed., pp. 111-121, A. Cabral, Trad.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1932/2011). Notas e fragmentos. In *Obras completas, Psicanálise IV* (p. 323, 2a ed., A. Cabral, Trad.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1: sobre as afasias (1891): O projeto de 1895* (7a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Giacomini, F. C. (2018). Le corps dans l’autisme selon Jacques Lacan et Fernand Deligny. *PLURAIIS revista multidisciplinar*, 3(3), 136-148.

- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Gunn, P. (n.d.). *Close to the Wild Child*. Recuperado em 8 novembro, 2019, de https://www.academia.edu/26706482/Close_to_the_Wild_Child.
- Haag, G. (2021). Les premiers rassemblements sensoriels: l'arrière-plan et la première verticalité. In M-D. Amy, A., Barral & B. Golse (Orgs.). *Des troubles sensoriels aux stratégies thérapeutiques. Autismes et psychanalyses – IV* (pp. 43-58). Toulouse: Éditions Érès.
- Hochmann, J. (2008). Soins institutionnels aux enfants et aux adolescents souffrant de troubles graves et précoces du développement (autismes et psychoses de l'enfance). *Encyclopédie Médico-Chirurgicale, Psychiatrie/Pédopsychiatrie*, 37(210 A-10), 1-9.
- Krtolica, I., & Sibertin-Blanc, G. (2019). The Children Estranged from Language: Fernand Deligny, in His Time, and against Lacan. *Psychoanalysis and History*, 21(2), 211-227.
- Krtolica, I. (2010). La "tentative" des Cévennes: Deligny et la question de l'institution. *Chimères*, 72, 73-97. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/chime.072.0073>.
- Lacan, J. (1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964). In J. Lacan. *Escritos* (pp. 843-864, V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2014). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (Betty Milan, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (Obra original publicada em 1975).
- Landman, P., & Ribas, D. (Orgs.). (2021). *Ce que les psychanalystes apportent aux personnes autistes*. Toulouse: Éditions Érès.
- Lanouzière, J. (1975). Et si l'innocent c'était nous?. *France Nouvelle / 2 août 1975*. In Deligny, F. (2018a). *Correspondance des Cévennes* (p. 396). Paris: L'Arachnéen.
- Lourau, R. (2004). Implicação e sobreimplicação. In S. Altoé (Org.). *René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral* (pp. 186-198), São Paulo: Hucitec.
- Maleval, J-C. (2015). Por que a hipótese de uma estrutura autística?. *Opção Lacaniana online nova série*, 6(18), 1-40.
- Manenti, J. (1997). Fernand Deligny... *Chimères. Revue des schizoanalyses*, 30, 103-107.
- Mannoni, M. (1977). *Educação impossível; com a colaboração de Simone Benhaïm Robert Lefort e um grupo de estudantes* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves. (Obra original publicada em 1973)
- Meira, A., & Vorcaro, A. *Autistas e suas linhas de errância: uma leitura psicanalítica do trabalho de Fernand Deligny* (no prelo).

- Meira, A. (2020). *Um modo de cifrar: autistas e a escrita de si*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Mendelsohn, S. (2010). Lignes de conduite ou ligne d'erre?. *Chimères*, 72, 185-198.
- Miguel, M. C. P. (2020). Cartes, objets, installations: le problème de l'art dans la pensée et dans la pratique de Fernand Deligny. *La Part de l'Œil*, 33-34, 149-169.
- Miguel, M. C. P. (2015). Guerrilha e resistência em Cévennes: a cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, 8(1), 57-71.
- Miguel, M. C. P. (2016). *À LA MARGE ET HORS-CHAMP: L'humain dans la pensée de Fernand Deligny*. Tese de doutorado, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. Paris, França.
- Moshnyager, N. (2014). Fernand Deligny. *Essaim*, 2, 157-166.
- Neves, B. R. C. (2018). *Os autismos na clínica nodal*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Ogilvie, B. (2007). Au-delà du malaise dans la civilisation: une anthropologie de l'altérité infinie. In F. Deligny. *Œuvres* (pp. 1571-1579). Paris: Éditions L'Arachnéen.
- Ogilvie, B. (2004). L'autisme sans frontières: une amitié sans contours. *La lettre de l'enfance et de l'adolescence*, 1(55), 37-42.
- Ogilvie, B. (2015). Viver entre as linhas. In F. Delign. *O aracniano e outros textos* (pp. 273-285, L. Malimpensa, Trad.). São Paulo: n-1 edições.
- Plon, M. (2018). L'homme des Cévennes. *En attendant Nadeau*, 66.
- Plon, M. (2008). Sacré bonhomme. *La Quinzaine littéraire*, 982.
- Plon, M. (2007). Un homme est passé... *La Quinzaine littéraire*, 958.
- Plon, M. (2013). Voyage en autisme. *La Quinzaine littéraire*.
- Porret, P. (2009). Fernand Deligny: l'arachnéen et autres textes. *Essaim*, 122, 133-136.
- Porge, E. (2010). Fernand Deligny, un style de vie avec les autistes y être entre les lignes. In *Enfances & Psy*, 3(48), 130-136.
- Porge, E. (2009). O errar da metáfora. In A. Vorcaro & N. V. A. Leite (Orgs.). *Giros da transmissão em Psicanálise: instituição, clínica e arte* (pp. 13-42). Campinas: Mercado de Letras.
- Posadas, P. A. F. (2015). *Subjetividades en debate: deconstruyendo los autismos y sus complejidades*. Trabalho de conclusão de curso, Universidad de la República, Montevideu, Uruguai.

- Resende, N. C. (2016). *Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetos de esquiwa à Instituição, à Lei e ao Sujeito*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Resende, N.C., & Miguel, M. C. P. (2015). Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular. *Cadernos de Subjetividade*, 18, 137-151.
- Rey-Flaud, H. (2013). *Sortir de l'autisme: parents, ces vérités qu'on vous cache*. Paris: Flammarion.
- Rouzel, J. (2018). *La folie douce: psychose et création*. Toulouse: Éditions Érès.
- Rouzel, J. (2013). Peut-on écrire sa cure psychanalytique?. *VST – Vie sociale et traitements*, 2(118), 100-103.
- Rouzel, J. (Org.). (2010). *Psychanalyse sans frontiere: la Psychanalyse dans tous ses états*. Nîmes: Champ social éditions.
- Séguin, A. (2018). Donner lieu à “ce qui ne se voit pas”. *Cadernos Deligny*, 1(1), 239-274).
- Séguin, A. (2019). Lainé, Deligny et Nous. *Essaim*, 2(43), 151-160.
- Synodinou, C. (1985). *Autisme infantile: approche thérapeutique*. Paris: Aubier.
- Tardits, A. (2008). Position(s) de Fernand Deligny. à propôs du livre *Fernand Deligny*. *Œuvres*. *Essaim*, 1(20), 213-220.
- Vasse. D. (1977). *O umbigo e a voz: Psicanálise de duas crianças* (L. J. Galo, Trad.; I. Corrêa e J. Laberge, Revis.). São Paulo: Ed. Loyola. (Obra original publicada em 1974).
- Vorcaro, A. (2020). O dizer de crianças que não falam, In R. Voltolini & R. Gurski, (Orgs.). *Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação* (pp. 229-252). São Paulo: Editora Contracorrente.

Resumo

O presente trabalho parte do interesse nas investigações de Fernand Deligny (1913-1996) em torno das noções de *humano* e de *linguagem*, elaboradas durante sua vivência com crianças e jovens ditos autistas na *rede* em Cévennes (1968-1996), no sul da França. Nosso artigo tem como objetivo explorar as ressonâncias da Psicanálise na sua escrita em torno do que chamava de *modos de ser fora da linguagem* – que se liga às suas concepções acerca do *inato*, do *simbólico* e do *real* e também à sua experiência de viver com pessoas chamadas autistas –, assim como em sua influência na criação desse lugar de acolhida. Para tal, buscamos identificar na trajetória de Deligny os momentos em que entra em contato com as ideias psicanalíticas e a maneira como se posiciona diante dessas, para então destacar os ecos que esses encontros vão deixar nos seus escritos, apoiados pelo diálogo permanente com diversos psicanalistas sobre sua prática na rede. Examinamos alguns de seus textos em que a Psicanálise comparece, datados do período de 1976-1982, com o auxílio da consulta de suas correspondências, assim como de pesquisadores sobre a obra do nosso autor, para situar seu pensamento e sua relação com o campo psicanalítico.

Palavras-chave: Fernand Deligny. Psicanálise. Autismo. Humano. Linguagem.

The Human and Language: Resonances of Psychoanalysis in Fernand Deligny's Network with So-Called Autistic Children and Young People

Abstract

The present work comes from the interest in the investigations of Fernand Deligny (1913-1996) around the notions of *human* and *language*, elaborated during his experience with children and young people said to be autistic in the *network* in Cévennes (1968-1996), in the South of France. Our paper aims to explore the resonances of psychoanalysis in his writing around what he called *modes of being outside language* - which is linked to his conceptions about the *innate*, the *symbolic* and the *real*, and also to his experience of living with so-called autistic people - as well as in their influence on the creation of this welcoming

place. In order to do so, we seek to identify in Deligny's trajectory the moments in which he meets psychoanalytic ideas and the way in which he takes a stand in relation to them, to then highlight the echoes that these encounters will leave in his writings, supported by permanent dialogue with several psychoanalysts about their practice on the network. We examined some of his texts in which psychoanalysis appears, dating from the period 1976-1982, with the help of consulting his correspondence, as well as writings of other researchers about the author, to situate his thinking and his relationship to the psychoanalytic field.

Keywords: Fernand Deligny. Psychoanalysis. Autism. Human. Language.

L'humain et le langage: résonances de la psychanalyse dans le réseau de Fernand Deligny avec les enfants et jeunes dits autistes

Résumé

Le présent travail s'appuie sur l'intérêt pour les investigations de Fernand Deligny (1913-1996) autour des notions d'*humain* et de *langage*, élaborées au cours de son expérience auprès d'enfants et de jeunes dits autistes dans le *réseau* en Cévennes (1968-1996), dans le sud de la France. Notre article se propose d'explorer les résonances de la psychanalyse dans ses écrits autour de ce qu'il appelle de *modes d'être hors langage* - ce qui est lié à ses conceptions autour de *l'inné*, du *symbolique* et du *réel*, mais aussi à son expérience de vie avec des personnes dites autistes - ainsi que dans leur influence sur la création de ce lieu d'accueil. Pour cela, nous cherchons à repérer dans la trajectoire de Deligny les moments où il entre en contact avec les idées psychanalytiques et la manière dont il se positionne face à elles, pour ensuite mettre en évidence les échos que ces rencontres laisseront dans ses écrits, appuyés par dialogue permanent avec plusieurs psychanalystes sur leur pratique dans le réseau. Nous avons examiné quelques-uns de ses textes dans lesquels apparaît la psychanalyse, datant de la période 1976-1982, à l'aide de la consultation de sa correspondance, ainsi que de chercheurs sur l'œuvre de notre auteur, pour situer sa pensée et son rapport au champ psychanalytique.

Mots clés: Fernand Deligny. Psychanalyse. Autisme. Humain. Langage.

Lo humano y el lenguaje: resonancias del psicoanálisis en la red de Fernand Deligny con los llamados niños y jóvenes autistas

Resumen

El presente trabajo se inicia del interés por las investigaciones de Fernand Deligny (1913-1996) en torno a las nociones de *humano* y de *lenguaje*, elaboradas durante su experiencia de vivir con niños y jóvenes dichos autistas en la *red* en Cévennes (1968-1996), en el sur de Francia. Nuestro artículo tiene como objetivo explorar las resonancias del psicoanálisis en su escritura en torno a lo que él llamó *modos de ser fuera del lenguaje* - lo que está vinculado a sus concepciones sobre lo *innato*, lo *simbólico* y lo *real*, y también a su experiencia de vivir con los llamados autistas -, así como en su influencia en la creación de este lugar acogedor. Para ello, buscamos identificar en la trayectoria de Deligny los momentos en que entra en contacto con las ideas psicoanalíticas y la forma en que se posiciona frente a ellas, para luego resaltar los ecos que estos encuentros dejarán en sus escritos, sustentados por diálogo permanente con varios psicoanalistas sobre su práctica en la red. Examinamos algunos de sus textos en los que aparece el psicoanálisis, que datan del período 1976-1982, con la ayuda de la consulta de su correspondencia, así como de investigadores sobre la obra de nuestro autor, para situar su pensamiento y su relación con el campo psicoanalítico.

Palabras clave: Fernand Deligny. Psicoanálisis. Autismo. Humano. Lenguaje.